

cadernos de tc

Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Casa de ofícios
No distrito de Olhos D'água
Em Alexânia, Goiás.

Cadernos de TC 2018-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.
Ana Amélia de Paula Moura, M. arq..
Rodrigo Santana Alves, M. arq.
Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Daniel da Silva Andrade, Dr. arq.
Manoel Balbino Carvalho Neto, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Detalhamento de Maquete

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.
Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Daniel da Silva Andrade, Dr. arq.
Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Máira Teixeira Pereira, Dr. arq.
Pedro Henrique Máximo, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira
(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2018/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

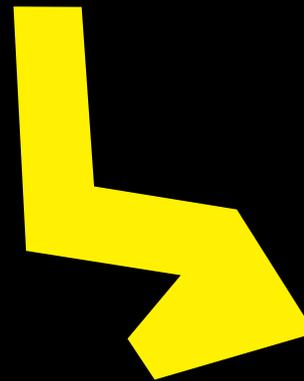
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo,

quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Ana Amélia de Paula Moura
Daniel da Silva Andrade
Manoel Balbino Carvalho Neto
Rodrigo Santana Alves



Casa de ofícios no Distrito de Olhos D'água em Alexânia -GO.

As poucas oportunidades de emprego oferecidas pelo município de Alexânia bem como o distrito de Olhos d'água, causaram uma evasão da população para as capitais mais próximas. No distrito, o reflexo dessa evasão gerou uma desconexão dos seus moradores com seus saberes culturais por acreditar que esses saberes não estão atrelados a economia. Nas páginas que se seguem, buscou-se elaborar uma proposta de projeto que atendesse as demandas econômicas e de preservação dos bens culturais presentes no distrito de Olhos D'água, em Alexânia -GO.



Brenda Pereira de Oliveira

Orientadora: Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro
Contato: brendaoliveira42@gmail.com

CASA DE OFÍCIOS

NO DISTRITO DE OLHOS D'ÁGUA EM ALEXÂNIA-GO

Aproximações

A minha primeira experiência no vilarejo de Olhos D'água aconteceu de maneira despreziosa, pois até então era totalmente desconhecida por mim. O colorido das casas tradicionais e um amontoado de pessoas vendendo peças na grama da praça da igreja é no mínimo curioso. Porém o mais curioso de tudo isso era o fato de ter demorado tanto tempo para saber da existência de um lugar tão diferente daquilo que estava habituada a vivenciar no município de Alexânia.

Este questionamento pessoal despertou meu interesse pelo distrito, antes mesmo de começar a fazer Arquitetura e Urbanismo. Nos últimos anos tenho visitado o distrito especialmente durante as festas culturais como: a feira do troca, a festa de Santo Antônio e a festa do Divino.

Essa vivência no distrito me fez perceber que toda sua riqueza cultural e histórica corre risco de cair em esquecimento. A ideia de o vilarejo perder suas características tradicionais me inquietava. Olhos d'água atingiu minha sensibilidade e o meu desejo de ajudar a preservar suas tradições.

Tradições essas que correm risco de não serem perpetuadas. O que acontece é que a falta de alternativas de renda local acabou provocando um processo de evasão que tem levado jovens a deixarem a comunidade para buscar emprego em cidades como Goiânia e Brasília, o que acaba por colocar em risco a continuidade dos saberes tradicionais.

Para Laraia (2001, p.114) O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. São aspectos que se complementam. A reaproximação dos moradores com suas próprias raízes são essenciais para manter vivas essas tradições.

Para solucionar essas questões realizei uma pesquisa de campo, onde pude compreender melhor quais eram esses costumes e fazeres tradicionais e quais são a relevância desses saberes artesanais para a história de Olhos d'água. E de acordo com o dicionário Michaelis, o significado da palavra artesanato é: "1 Técnica do artesão. 2 Peça feita por artesão." Esta definição, é bastante ampla e se atenta a apenas o seu significado físico e material e não para seu sentido sociocultural.

Na busca de entender mais amplamente o significado da palavra artesanato, pesquisei em outras fontes e no livro "Base conceitual do artesanato brasileiro, do Programa do Artesanato Brasileiro", publicado em Brasília, pelo governo federal, no ano de 2012, conceitua o artesanato da seguinte maneira:

Toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico

LEGENDAS:

[f.1] Capela Santo Antônio. Fonte: Prefeitura Municipal de Alexânia.

e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (PAB, 2012,p.12)

Assim, no artesanato, mesmo que sejam utilizadas ferramentas, o que vai imprimir identidade no artesanato é o trabalho manual do homem que dará característica própria e criativa, refletindo a personalidade do artesão e a relação deste com o contexto sociocultural do qual surge.

Nessa perspectiva, é necessário compreender o valor da tradição e a repetição de um fazer ou maneiras de fazer, que possibilitem ligar o passado ao presente, fazeres e saberes acumulados que são os registros da identidade local de um povoado que expressa sua cultura utilizando instrumentos como um pincel, uma agulha e um torno de olaria.

E sem dúvidas a tradição mais importante no distrito é a feira do troca. Esta feira foi criada em 1970 por Lais Aderne, seu marido Armando e a professora Sinclei Fazzolino. A intenção da feira era de resgatar o conhecimento desse artesanato simples que se encontrava restrito a pequenos grupos. A partir da feira, foi possível resgatar a memória do povo. O resgate dos conhecimentos artesanais aconteceu em forma de oficinas, como se fosse um repasse do mestre para o aprendiz.

Deste modo o artesanato ganhou status de "valor", passou a ter um novo significado, a partir do momento em que passou a fazer parte das manifestações culturais do local, que foram retomadas com o estímulo da feira e à medida que o saber artesanal foi passado para os mais jovens. É a demonstração de que, o artesanato não é somente uma mera atividade ou mercadoria, mas traz embutido em si valores, crenças e cultura.

[...] O artesanato não é só produção/produto, é também história, memória, identidade. Num cenário onde o simbólico é um capital a cada dia mais valorizado e diante de uma realidade onde o produto em questão é de valor imaterial, tendo suas referências ancestrais e saberes e fazeres tradicionais como principal diferenciador, o saber histórico, "o conhecimento da antiguidade" é de grande relevância na prática artesanal. (NASCIMENTO,2018, p. 92)

Segundo Le Goff (2003, p.80) "A memória é responsável pelo sentimento de identidade de pertencimento do indivíduo ao um grupo". A memória individual, cultural e histórica dos grupos, pode ser identificadaem sua maioria através da memória de seus habitantes, representada no artesanato,

nas manifestações culturais e na oralidade de seu povo. A celebração dos saberes e da memória local no distrito de Alexânia só foi possível com a criação da Feira do Troca.

Contudo, mesmo as tradições mais arraigadas tem a capacidade de evoluir e se transformar com as novas necessidades de cada sociedade, impedindo que as tradições se dissolvam. A tradição então não precisa ser vista como uma coisa antiquada, mas como aprendizagem.

"As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos." (HALL, 2000, p.75).

A partir desse entendimento de identidade, memória, cultura foi possível compreender como os saberes culturais e o fazeres presentes na comunidade são importantes e contribuem para manter vivas as tradições do lugar e demonstra a relevância do artesanato para o distrito. Dessa forma, foi elaborada uma proposta. Seria necessário levar em conta suas especificidades artísticas, históricas, os saberes e fazeres culturais.

Para atender essas especificidades das tradições presentes no vilarejo, foram elencadas (com base no contexto histórico e cultural) quais eram os principais ofícios do distrito, sendo divididos em: artesanato em palha, olarias, marcenaria e tecelagem.

Dessa forma a proposta de projeto tem como objetivo convidar os habitantes a participarem da casa de ofícios onde poderão fazer aulas, oficinas e expor seus trabalhos artesanais tornando-se agentes da preservação histórica e cultural, para que assim possam atuar na solução dos problemas da perda desses costumes e tradições locais.

Podendo assim, difundir os fazeres culturais presentes em Olhos d'água, criando uma mão de obra especializada e a partir daí resgatar também a economia que vem atrelada aos fazeres culturais. Nas páginas que se seguem, procurei desenvolver uma ideia que pudesse se concretizar para a valorização e divulgação dos bens culturais do vilarejo de Olhos d'Água em Alexânia-GO.

Panorama Histórico

No Brasil, o artesanato tem suas origens nas diversas tribos indígenas que faziam parte de nosso território e que expressavam suas culturas, costumes e crenças através de seus trabalhos manuais. Os índios já tinham firmado em sua cultura a prática do fazer e com a chegada dos colonizadores, novas formas de saber e fazer foram adaptadas e, aos poucos, modificando o processo do fazer. O artesanato teve uma grande relação com o trabalho manual, uma vez que o conceito de "trabalho manual" passa a ser destinado aos índios e escravos, que passaram a aprender por meio dos mestres de ofícios.

Contudo, qual era a função de um mestre? A palavra mestre no seu sentido mais tradicional, que é quando ela chega ao Brasil em conjunto com a vinda da família real, aplicado aos ofícios de artesanato, mestre é aquele que transmite o seu saber. Essa organização de produção do artesanato foi herdada, das antigas corporações de ofício europeias, da idade média. Onde existia uma hierarquia que organizava a produção, definidos por mestres, oficiais e aprendizes. Iniciava-se em uma oficina como aprendiz, durante muito tempo, aprendendo, até que se tornava um profissional e virava um oficial daquela corporação, sob a tutela de um mestre.

Essas corporações foram responsáveis por diversas mudanças educacionais e econômicas no Brasil colônia. Elas tinham a função de preparar para o trabalho e suprir a demanda de mão de obra, pois nesse período o país necessitava de trabalhadores mais capacitados. O que acarretou na criação dos colégios de fábricas, escolas de aprendizes artífices, liceus de arte e ofícios chegando até o que hoje chamamos de cursos técnicos profissionais.



LEGENDA
[F.2]- Linha cronológica do ensino de ofícios no Brasil. Fonte: Portal confif.

Memórias resistentes

Memórias residentes



Histórico



[f.3]

Santo Antônio de Olhos d'Água é originário de Corumbá de Goiás, e inicia-se com uma promessa feita a Santo Antônio de Pádua, pela Sra. Maria Alves de Magalhães. O povoado originou-se de uma doação de terras por dois fazendeiros locais. Uma capela em homenagem ao Santo foi construída, e fundada em 1941.

Nas terras em volta da Igreja, começou a ser construído o povoado que servia também como ponto de pouso de tropeiros que passavam pela região, é também o primeiro caminho a dar acesso ao sítio Castanho, pedaço do Retângulo Cruls (área demarcada para a construção da nova capital).

Até 1953 o povoado era subordinado a Corumbá de Goiás e em 1958 pela lei estadual nº 2115, de 14-11-1958 é elevado a distrito sede do que hoje compreende a área do município de Alexânia. No mesmo ano com a construção de Brasília, o prefeito Alex Abdalla, transfere a prefeitura do distrito sede e funda uma nova cidade a beira da BR-060, Alexânia. Olhos d'água acaba caindo em esquecimento.

A arquitetura do que foi construído é muito semelhante com a de Corumbá de Goiás, tem estética tradicional, o que faz com que o vilarejo aparente ser mais antigo do que realmente é. Os materiais mais utilizados eram o adobe, a madeira e telhas produzidas pelos próprios habitantes, o que impulsionou a criação de olarias no local.

LEGENDA:

[F.3]- João Paiva Neto e esposa Odete. Pioneiros de Olhos d'água, 1958. Fonte: Casa das letras - Polo Cora Coralina, Alexânia -GO

[F.4] - Quadrilátero Cruls, com Retângulo Belcher e Distrito Federal definitivo. Fonte: Vitruvius.

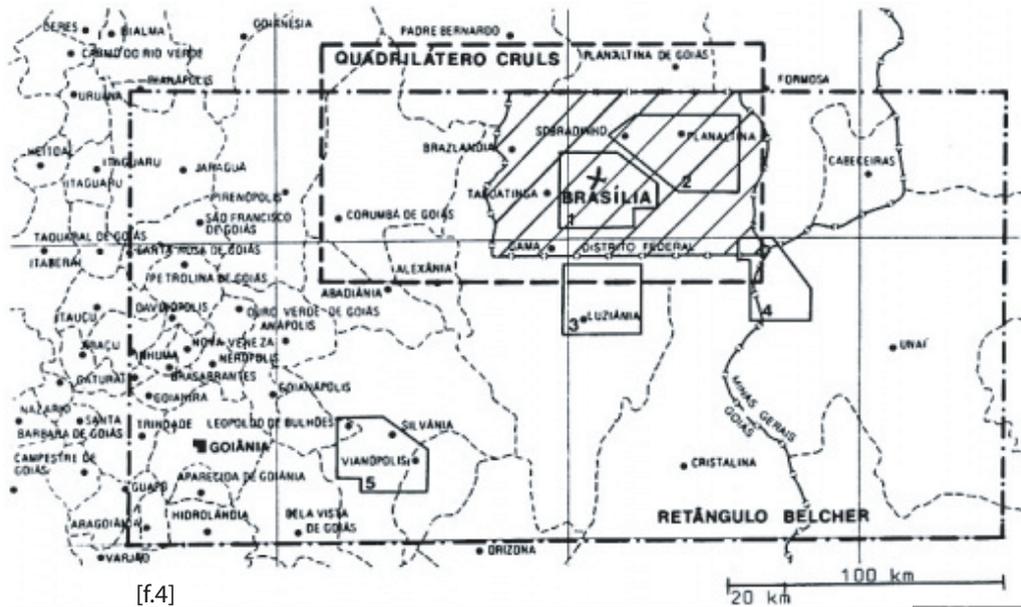
[F.5]- Fazenda São Luiz de Geminiano Queiroz, que doou parte de suas terras para construção da capela. Fonte: Memorial Olhos D'água.

[F.6]- Primeira capela improvisada de palha de buriti. Fonte: Memorial Olhos D'água.

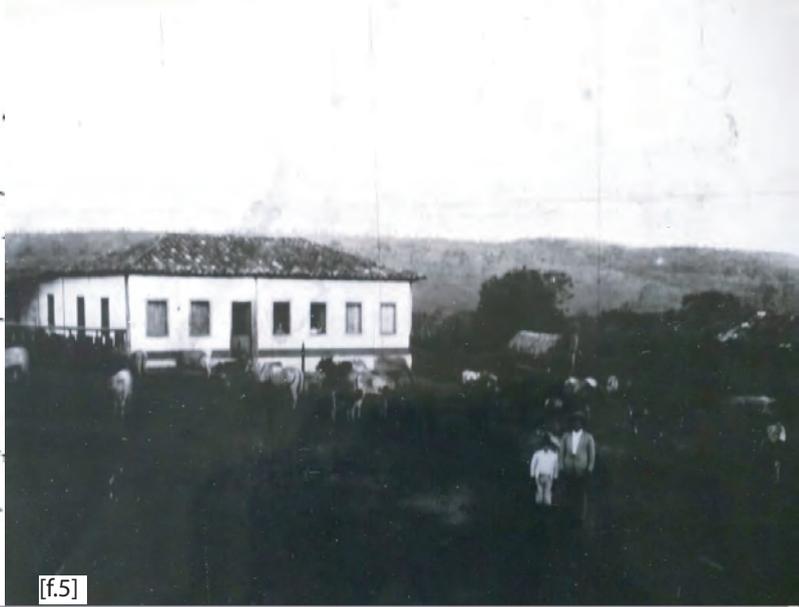
[F.7]- Terceira construção da capela. Fonte: Memorial Olhos D'água.

[F.8]- tipologia construtiva tradicional do distrito, 1972. Fonte: Kimage.

[F.9]- Primeiro prefeito de Alexânia, Alex Abdallah. Fonte: Polo Cora coralina



[f.4]



[f.5]



[f.6]



[f.7]

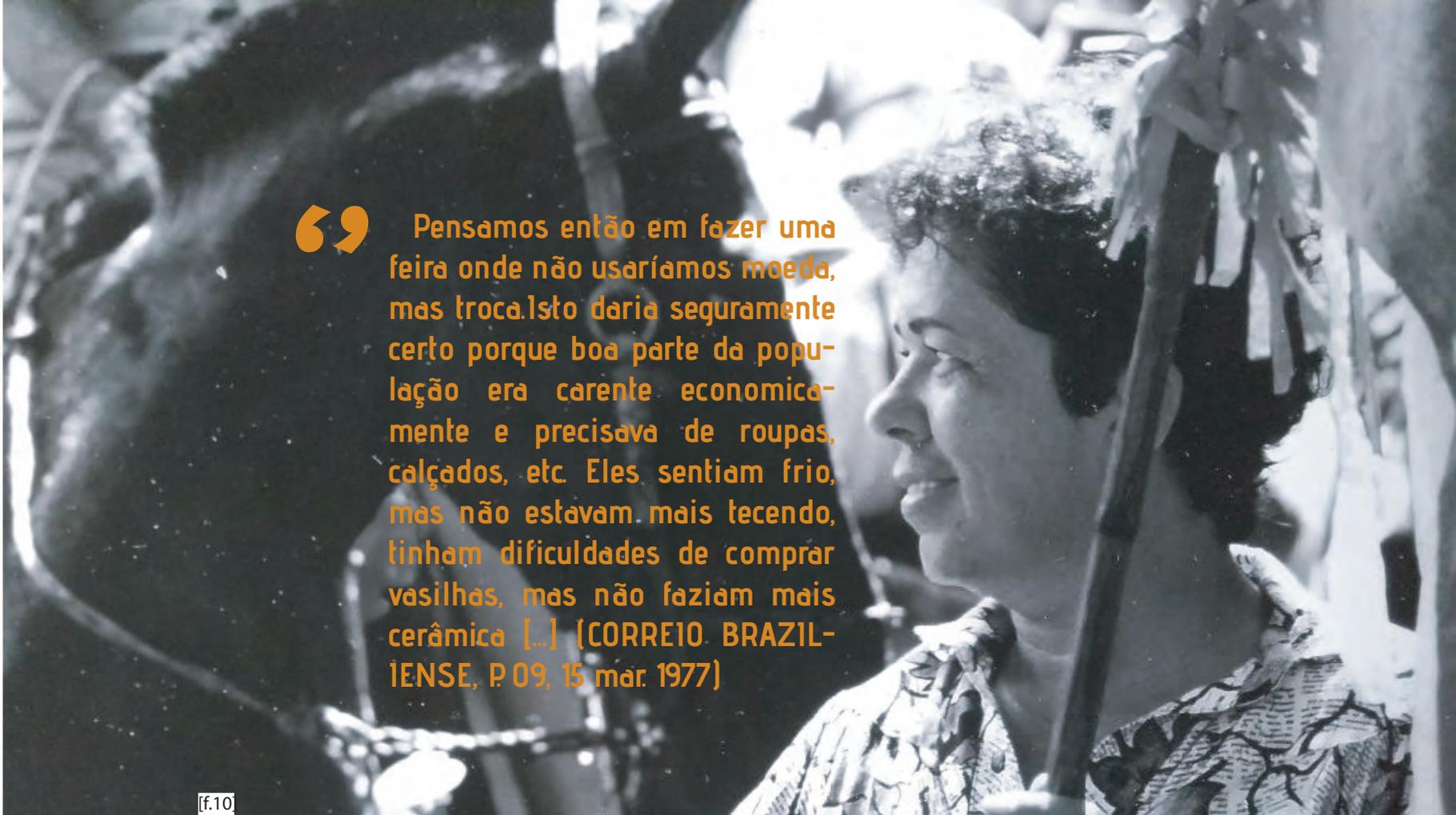


[f.8]



Brenda Pereira de Oliveira

[f.9]



“ Pensamos então em fazer uma feira onde não usaríamos moeda, mas troca. Isto daria seguramente certo porque boa parte da população era carente economicamente e precisava de roupas, calçados, etc. Eles sentiam frio, mas não estavam mais tecendo, tinham dificuldades de comprar vasilhas, mas não faziam mais cerâmica [...] (CORREIO BRAZILIENSE, P.09, 15 mar. 1977)

[f.10]

Nessa época, o povoado produzia o que lhe era necessário, precisando apenas de sal, que era trazido de Minas Gerais. Cultivava um folclore forte e arraigado, passados de geração em geração: A Festa do Divino (festa religiosa importante desde sua fundação), a Festa de São Sebastião e os artesanatos, sobretudo em barro, tear, palha e bucha. O contato com outras comunidades e costumes dava-se por meio dos viajantes e mascates que passavam pela estrada, levando outros tipos de materiais para a vila, inclusive encomendas dos mais ricos, como sapatos ou tecidos finos.

Na década de 1970, chegam à cidade, vindos de Brasília, para uma pesquisa de mestrado, Laís Aderne e seu marido Armando, lusitano de origem e a professora Sincler Fazzolino. Laís se encanta pela vila, e não entende como um lugar com tantas tradições e costumes pode estar tão fragilizado, tão abandonado.

- “Como é que esse povo está na miséria, passando por privações, sem dinheiro para comprar roupa, comida e outros gêneros?”

Sinclair se une a Tomazão, morador de Olhos D’Água e funda a Escola Experimental, e durante as reuniões da população na escola, Laís pode saber mais sobre o distrito.

- “E foi aí, que nós conseguimos descobrir inclusive o mutirão de fiandeiras, os trabalhos de tecelagem, de argila, de madeira, todo esse artesanato maravilhoso que vinha decaindo e que já estava praticamente morto”.

Laís Aderne mostra a população a importância do artesanato produzido, e em conjunto com a base do comércio da vila, que era a troca, Laís cria em 1974 a feira do troca onde população e quem mais quisesse poderia trocar entre si artigos como objetos de casa, vestimentas, frutas e o artesanatos produzido por eles.

A partir da criação da Feira do Troca, Olhos D’Água passou a ser visitada por artistas e artesãos, que se encantavam pelo lugarejo e ali passaram a fixar residência. Cultura, folclore e imaginário em Olhos D’Água são valorizados e recriados, após a chegada de Laís Aderne.

LEGENDA:

[F.10]- Laís Aderne. Fonte: Memorial Olhos D’Água.

[F.11] - Escola experimental. Fonte: Memorial Olhos D’Água.

[F.12] - Mulher na roca de fiar durante o Lundu das fiandeiras. Fonte: Memorial Olhos D’Água.

[F.13] - Primeira feira do troca, 1974. Fonte: Memorial Olhos D’Água.

[F.14] - Mulher trabalhando na roca, 1974. Fonte: Kimage.

[F.15] - Cestos de palha. Fonte: Pedro Lacerda.

[F.16] - Durvalina ceramista, 1980. Fonte: Pedro Lacerda.



[f.11]



[f.12]





[f.14]



Casa de ofícios no distrito de Olhos D'água em Alexânia - GO

[f.15]



[f.16]



[f.17]



070

[f.17]

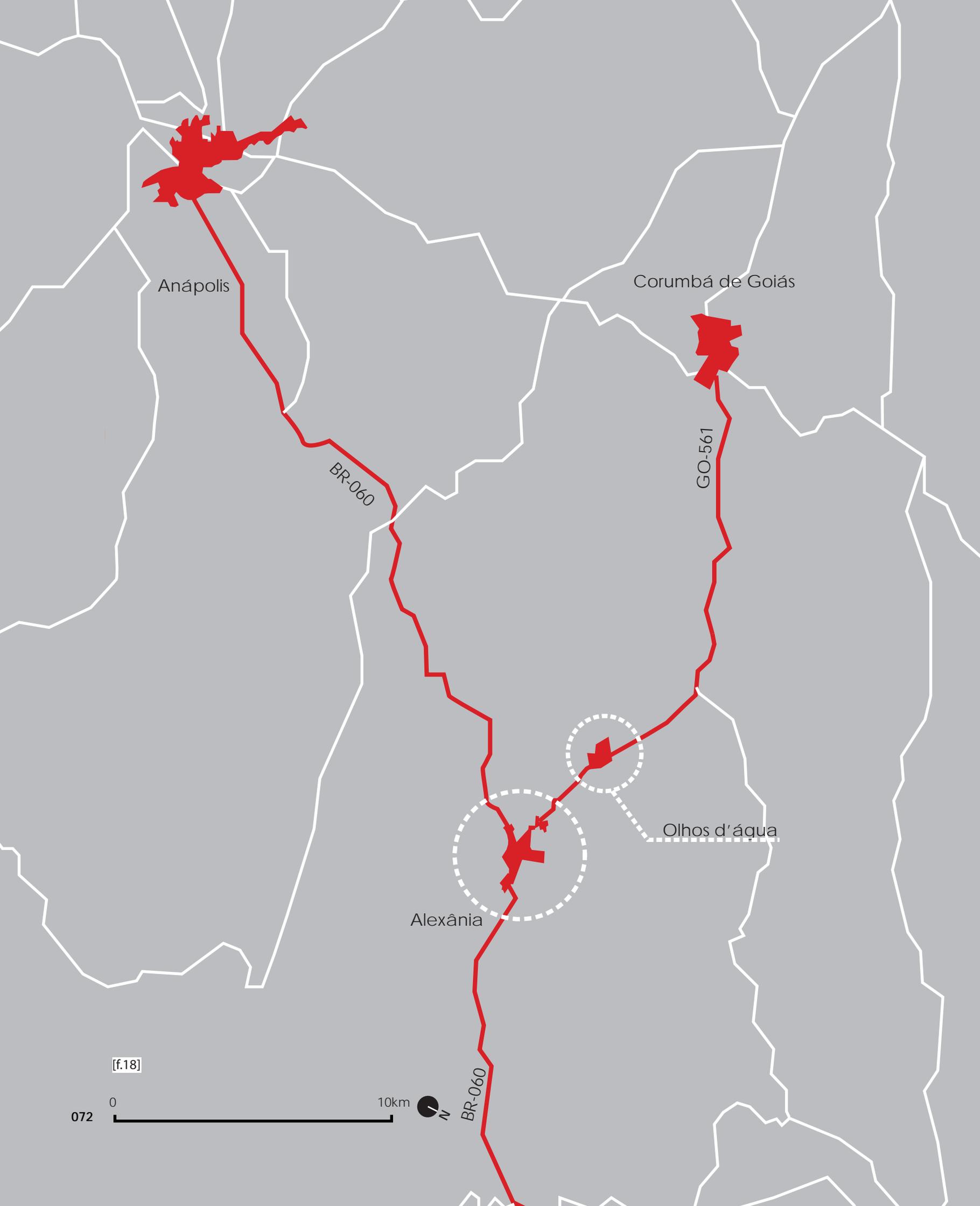
Brenda Pereira de Oliveira



[f.17]



[f.17]



Anápolis

Corumbá de Goiás

BR-060

GO-561

Olhos d'água

Alexânia

[f.18]

0 10km



BR-060



O município de Alexânia fica a 60 km de Anápolis, e 90 km de Brasília. O distrito se localiza a 15 km da cidade de Alexânia - GO. O acesso ao distrito é feito por rodovias locais e tem conexão com cidades importantes para a história de Goiás como: Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Goiás.

Alexânia conta com muitos distritos, dentre eles: Nova Flórida, Morada do sol, Serra do ouro, Igrejinha e Olhos d'água. O presente estudo tem como foco a análise do distrito de Olhos d'água como local da proposta de intervenção arquitetônica.

O distrito de Olhos d'água tem valor histórico e cultural o que motivou sua escolha como área de estudo. Porém, no distrito faltam serviços básicos como: ofertas de emprego, educação de qualidade e saúde, sendo necessário o deslocamento da população para outras cidades próximas em busca desses serviços e a BR-060 é a principal conexão entre elas.

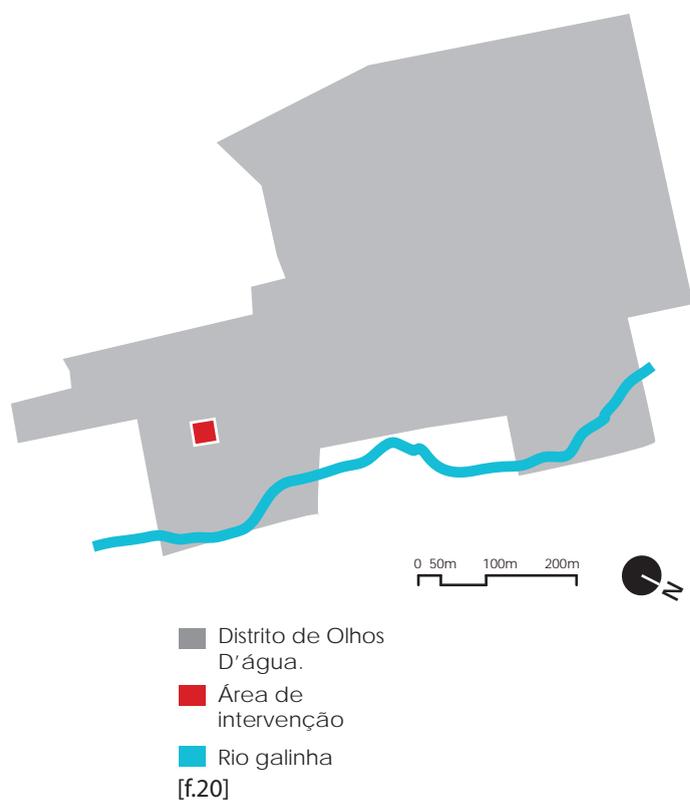
LEGENDA:

[F.17]- Vista aérea Feira do troca, 2017. Fonte: Ômega produções.

[F.18] - Município de Alexânia e o contexto geográfico e econômico da região. Fonte: Mapa cartográfico do IBGE de 2010. Edição: Autora.

[F.19] - Mapa da localização do município de Alexânia em relação a área de intervenção. Fonte: Mapa produzido pela autora.

[F.20] - Mapa da localização da área de intervenção. Fonte: Mapa produzido pela autora.

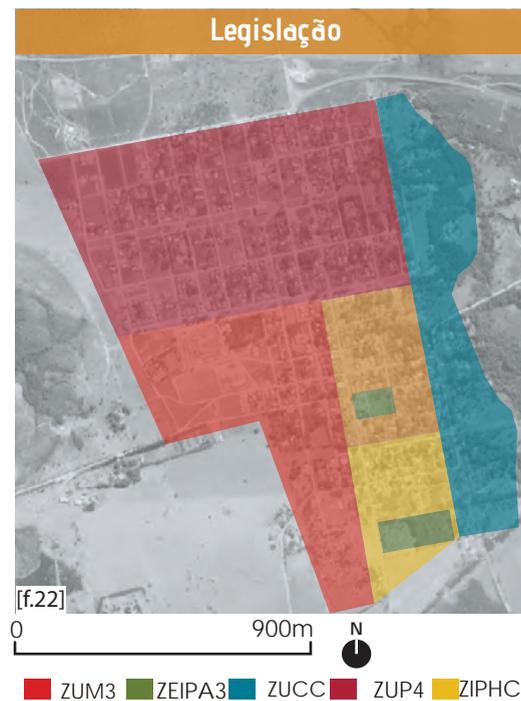


■ Distrito de Olhos D'água.

■ Área de intervenção

■ Rio galinha

[f.20]



No mapa de expansão é possível observar que o desenvolvimento do vilarejo se dá principalmente em um eixo: o centro histórico. O distrito continua a se expandir horizontalmente sem que os vazios centrais sejam ocupados ou verticalizados, o que é um ponto positivo.

É importante observar um nítido contraste entres os eixos de expansão urbana. O centro histórico é composto por lotes irregulares e de tamanho variados, não conta com infraestrutura urbana e ainda mantém boa parte da pavimentação de pedras, o eixo dos novos loteamentos é regular e conta com infraestrutura urbana e ruas asfaltadas.

Segundo o censo do IBGE de 2010 a faixa etária da população residente varia entre 30 a 34 anos e nesse mesmo ano a população estimada era de 987 habitantes, não foram obtidos dados mais atualizados, mas estima-se que a quantidade de habitantes atualmente seja de 1120 moradores.

A partir desses dados é possível identificar um déficit habitacional, já que nos últimos anos a ocupação do distrito não teve um aumento significativo, levando em conta que os novos loteamentos, dotados de infraestrutura urbana, foram pouco ocupados.

O plano diretor do Município de Alexânia foi elaborado em 2006 e desde então não passou por alterações. O Plano diretor divide o zoneamento em 8 subzonas, dentre elas apenas as que se referem a preservação do patrimônio histórico do distrito de Olhos d'água são as zonas de Interesse de Preservação Histórica e Cultural (ZIPHC), onde segundo o plano diretor são as áreas que configuram o patrimônio cultural local, onde em tese não seriam admitidas alterações em suas características naturais e arquitetônicas.

A partir do descrito e do mapa de zoneamento é possível observar que a lei é pouco restritiva no que se refere ao uso e ocupação do solo da zonas de patrimônio histórico. Sua falta de efetividade fica expressa na falta de fiscalização com a reforma da igreja da praça de Olhos D'água, na qual foi demolida perdendo suas características.



LEGENDA

[F.21] - Mapa de expansão urbana feito a partir das informações presente no Plano diretor. Fonte: Prefeitura municipal de Alexânia.

[F.22] - Mapa de legislação feito a partir das informações presentes no plano diretor de Alexânia. Fonte: Prefeitura municipal de Alexânia.

[F.23] - Foto da atual fachada da igreja Santo Antônio. Fonte: Arquivo pessoal.



- 1 - Campo de futebol.
 - 2 - Salão paroquial.
 - 3 - Praça da igreja.
 - 4 - Ginásio Geminiano Queiroz.
 - 5 - NACO núcleo de artes visuais.
- Centro histórico
 - Rodovia (GO -139)
 - Via rural.

Tanto o município de Alexânia quanto o distrito de Olhos d'água contam com poucos ou nenhum equipamento cultural.

A praça da igreja em Olhos d'água é o principal conector dos eventos culturais.



[f.26]



[f.27]



- Vias rurais.
- Rodovia (GO -139)
- Vias locais.

As rodovias de acesso ao distrito são de trânsito rápido e a nova rodovia GO-139 entre o município e o distrito é uma nova opção de acesso às cidades históricas de Corumbá de Goiás e Pirenópolis, para quem vem do Distrito Federal. No entanto, dentro do distrito o trânsito é tranquilo devido ao caráter residencial.

São ruas de mão dupla, locais e largas que ainda mantêm boa parte da pavimentação antiga. Nos novos loteamentos, as ruas já são asfaltadas, porém no distrito ainda há ruas sem asfalto. Grande parte dos moradores se locomovem a pé ou de bicicleta, contudo o acesso ao município de Alexânia é mais trabalhoso para quem não possui carro próprio, já que tanto o município quanto o distrito não contam com linha de ônibus.



[f.28]

LEGENDA

[F.24] - Mapa de equipamentos culturais no distrito. Fonte: Produzido pela autora.

[F.25] - Mapa de acessos ao distrito. Fonte: Produzido pela autora.

[F.26] - Ginásio Geminiano Queiroz. Fonte: Prefeitura municipal de Alexânia.

[F.27] - Salão paroquial, Olhos D'água. Fonte: Arquivo pessoal.

[F.28] - Encontro de três pavimentações diferentes entre si.

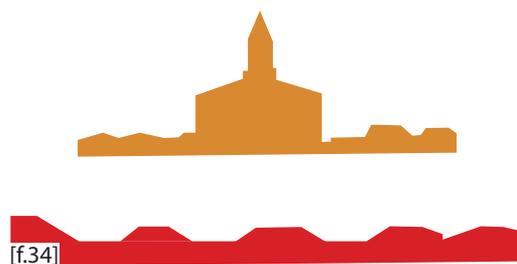


- 1 - Praça da igreja.
- 2 - NACO.
- 3 - Residências tradicionais.
- 4 - Lote em desuso.



Como qualquer vilarejo, Olhos D'água não têm tantas atrações turísticas, como museus, nem muitas opções de hospedagem bem como as comodidades de destinos mais badalados. Mas a maioria dos que vão para lá procuram justamente o sossego e a simplicidade de suas construções. A paisagem urbana no vilarejo é composta por muitos casarões coloridos que ainda mantêm grande parte do aspecto da arquitetura tradicional da vila.

As tipologias mais marcantes do distrito ficam em volta da praça da igreja, onde Olhos D'água começou a se desenvolver. São casas térreas, de telhado aparente e que muitas vezes são de uso misto, como hotéis, bares e restaurantes. A igreja é a obra que recebe maior destaque tanto por sua altura quanto por fazer parte da memória e identidade do lugar e exerce grande força na paisagem urbana.



LEGENDA

[F.29]- Mapa com indicações das principais tipologias. Fonte: Produzida pela autora.

[F.30] -Paróquia santo Antônio. Fonte: Última parada.

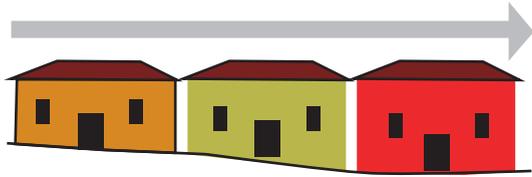
[F.31] - NACO, núcleo de artes visuais. Fonte: Arquivo pessoal.

[F.32] - Residências tradicionais. Fonte: Última parada.

F.33 - Casarão ao lado da praça. Fonte: Arquivo pessoal.

F.34 - Skyline do distrito. Fonte: Produzido pela autora.

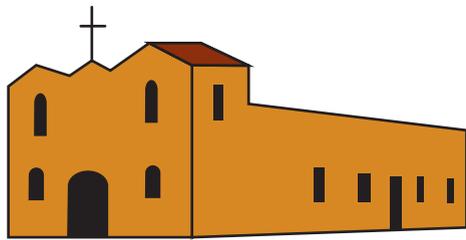
F.35 - Mapa síntese das diretrizes. Fonte: Produzido pela autora.



Gabarito homogêneo



Arquitetura tradicional, potencial histórico e cultural



A estética da igreja original de 1941 foi modificada.

Potencialidades

- 1- O distrito é pouco adensado.
- 2- Potencial histórico e cultural.
- 3- Gabarito homogêneo.
- 4- Algumas habitações preservam a estética tradicional do distrito.
- 5- Áreas verdes.

Fragilidades

- 6- O pouco adensamento da área é consequência da evasão da população para as cidades próximas.
- 7- As leis em relação a preservação do patrimônio histórico e cultural são pouco efetivas.
- 8 - Poucas ofertas de emprego.

Diretrizes

- 9- Manter o projeto próximo dos gabaritos das obras existentes.
- 10 - Contribuir para a preservação da estética tradicional das habitações
- 11- A proposta de projeto deve incorporar aspectos da arquitetura do lugar.
- 12 - Escolher um terreno para intervenção que fique próximo ou no eixo histórico.
- 13 - Desenvolver uma proposta de conexão com a praça da igreja.



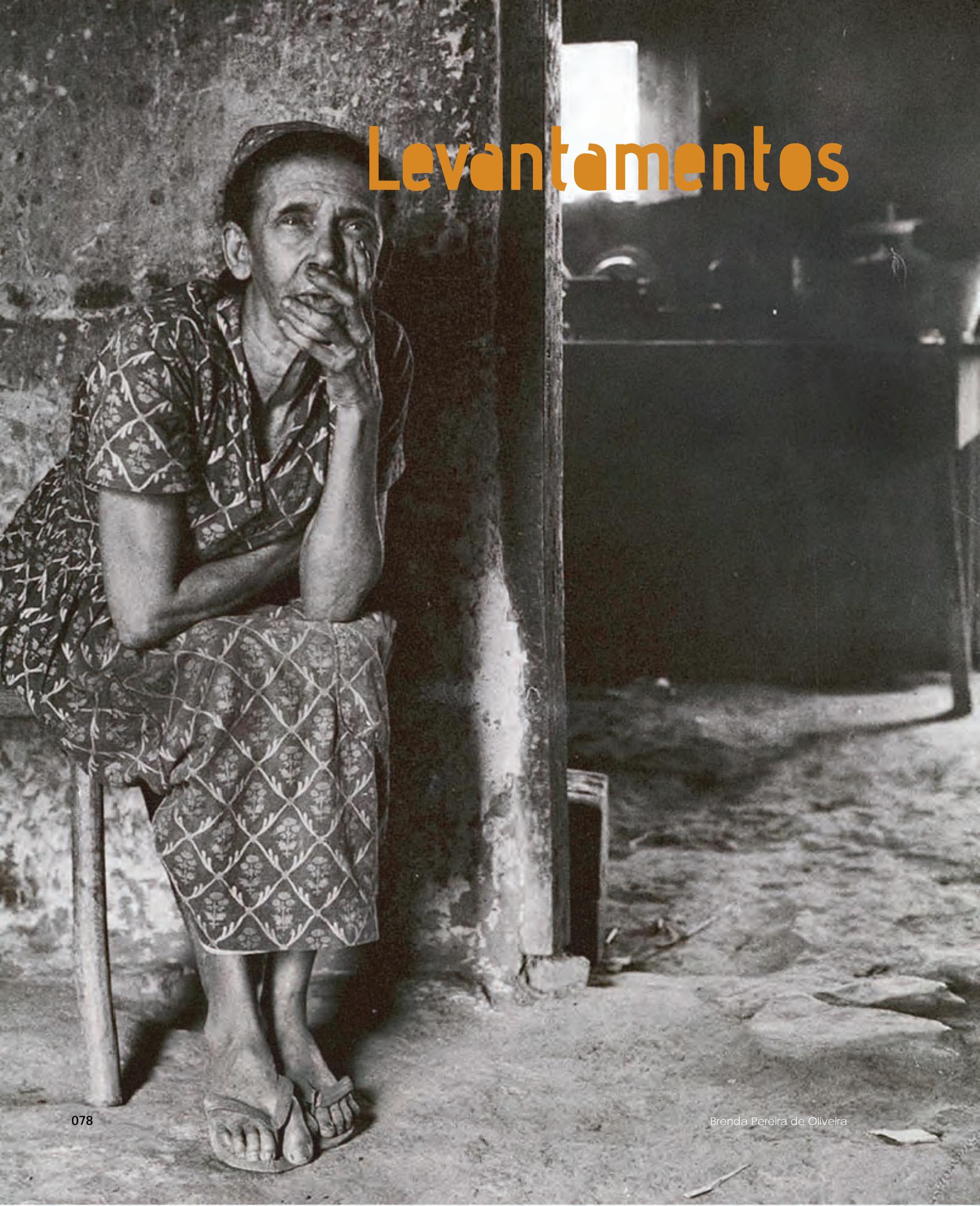
Mapa síntese

■ Praça da igreja.

■ Lotes vazios

□ Eixo histórico

Levantamentos





- Habitações térreo
- Uso misto térreo
- Cultural térreo
- Comércio térreo
- Institucional 2 pavimentos.

A partir do mapa acima pode-se perceber que a área é massivamente residencial. A área também é composta por algumas pousadas e restaurantes. Outros usos se encontram mais afastados do eixo histórico.

Analisando o mapa pode-se notar que as características presentes na área são recorrentes nos pequenos vilarejos. Podemos notar que a grande maioria das casas se encontram na testada do lote, de tamanhos variados, acompanham o alinhamento das ruas, que são irregulares e liberam espaço no fundo para o quintal. O resultado é uma malha livre, pouco adensada e com muito espaço para áreas verdes. Outra característica que se destaca na área é que o gabarito ao redor do centro histórico é uniforme.

As habitações ao redor do centro histórico mantém grande parte das suas características tradicionais. A igreja é a única obra de destaque, porém a mesma passou por uma expansão em 2008 que ocasionou uma perda de grande parte da construção que foi erguida em 1941. Hoje, a igreja não tem mais a estética da construção inicial.



- Ventos noroeste.
- Insolação
- Topografia

A pouca altura das construções faz com que a insolação não tenha barreiras a não ser a vegetação do lugar que é abundante. Os ventos correm sem impedimentos, também devido ao gabarito baixo das habitações e o pouco adensamento da área. A topografia não é acidentada e não causará grandes problemas em relação ao projeto.



Vista esquemática posterior



Vista esquemática lateral esquerda [f.38]

LEGENDA
[F.36] - Mapa de uso e gabarito. Fonte: Produzido pela autora.

[F.37] - Mapa de condicionantes. Fonte: Produzido pela autora.

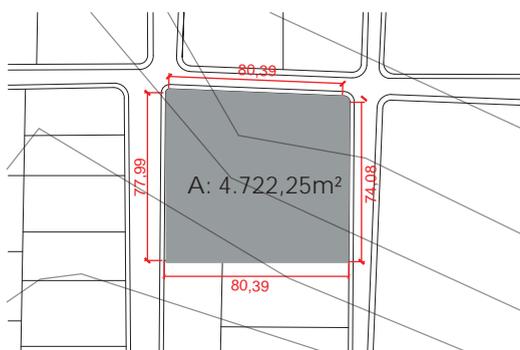
[F.38] - Vistas esquemáticas da topografia, sem escala. Fonte: Produzido pela autora.

terreno

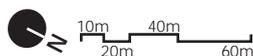


[f.39]

As preexistências



[f.40]



[f.41]



[f.42]

A escolha do terreno se deu baseada em dois fatores: eixo histórico e a demanda da área. A adoção do terreno em relação aos eixos históricos para implantação permeia a proximidade do principal conector das partes: a praça da igreja. Nela acontecem os eventos culturais do distrito. Por ser uma área massivamente residencial, seria necessário escolher um terreno que tivesse outros usos ou uma preexistência.

O terreno em questão tem duas preexistências: um núcleo de artes visuais e um bar. Como o bar não representa relevância arquitetônica e cultural para o distrito ele será desapropriado.

No núcleo de artes visuais, são realizadas produções de curtas, peças de teatro, workshops e atividades sociais relacionadas à arte e cultura, sendo então um equipamento cultural interessante, por isso será incorporado à Casa de Ofícios como parte do setor cultural.

Como foi dito, o distrito tem uma forte vertente cultural abastecida pela feira do troca que acontece duas vezes ao ano. Devido isso o terreno deveria se localizar bem próximo a essa área.



[f.43]



[f.44]

LEGENDA

[F.39] - Mapa do lote de intervenção. Fonte: Produzido pela autora.

[F.40] - Dimensões do lote. Fonte: Produzido pela autora.

[F.41] - NACO, núcleo de artes visuais. Fonte: Produzido pela autora.

[F.42] - Bar que será desapropriado. Fonte: Arquivo pessoal.

[F.43] - Proximidade das preexistências. Fonte: Arquivo pessoal.

[F.44] - Panorâmica das preexistências. Fonte: Arquivo pessoal.

[F.45] - Menina em oficina de desenho oferecida pelo NACO. Fonte: Página NACO.

[F.46] - Peça de teatro apresentada no núcleo. Fonte: Página do NACO.



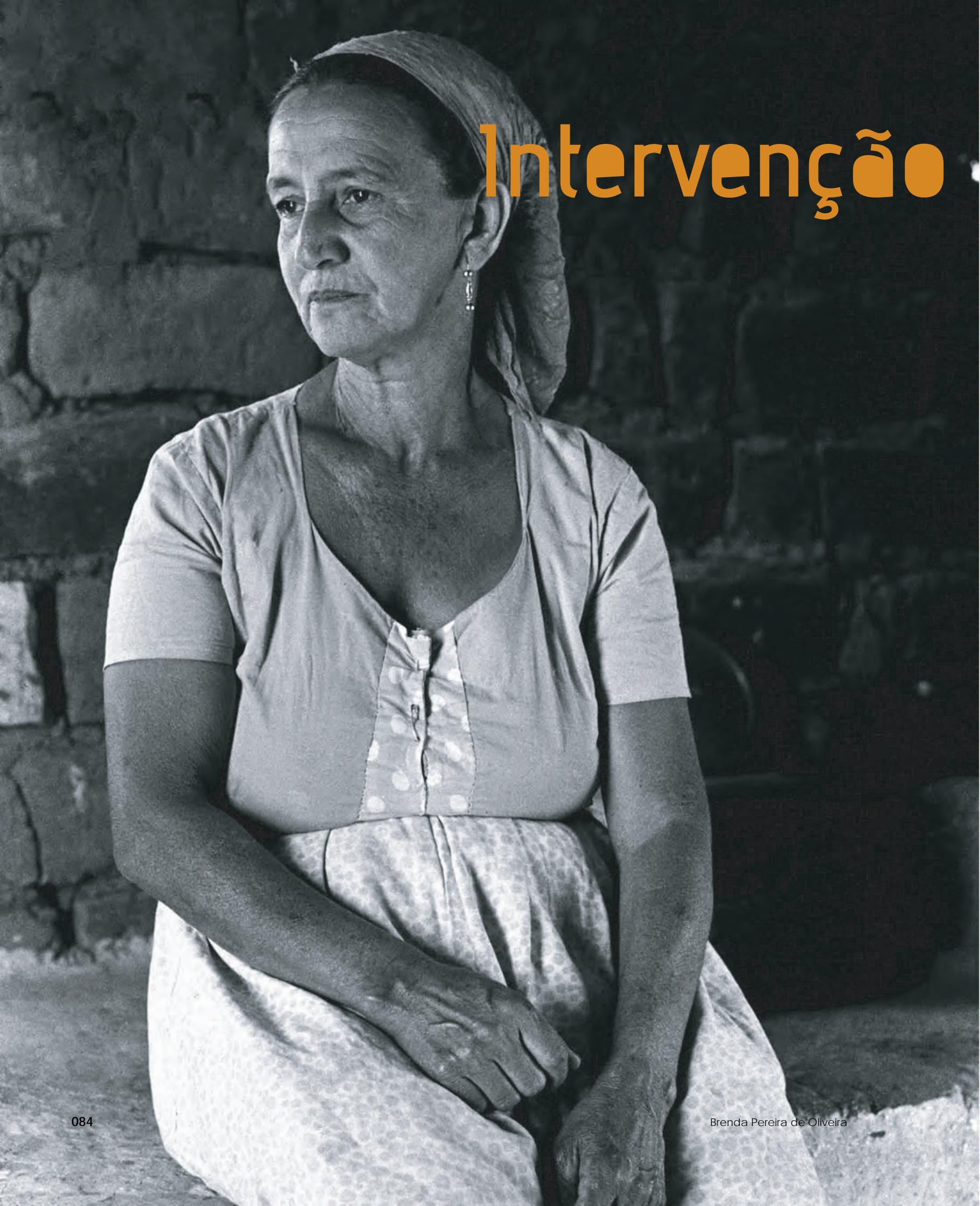
[f.45]



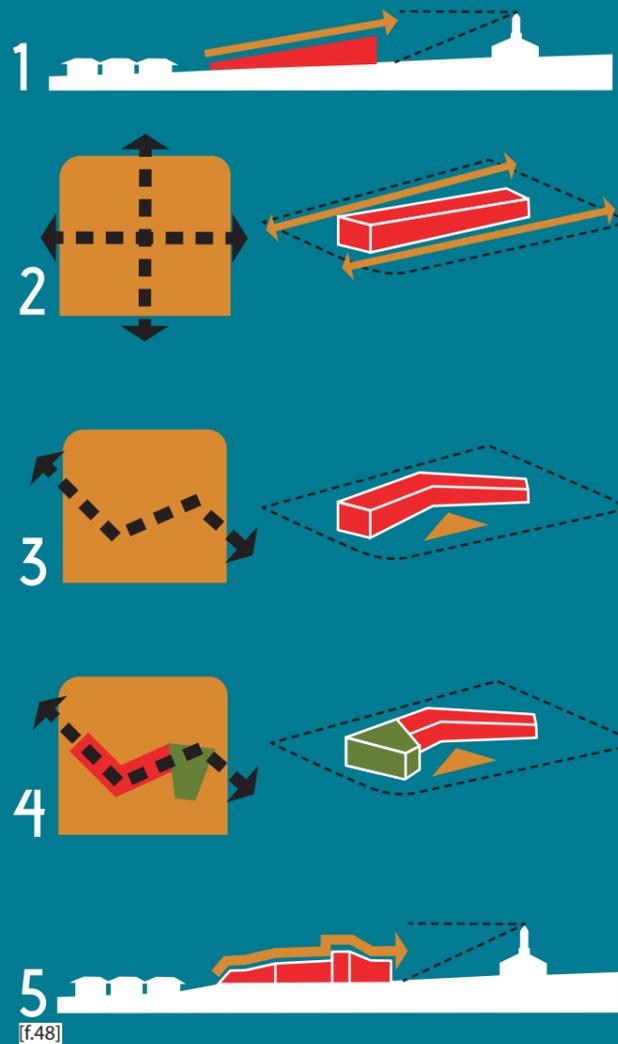
[f.46]



Intervenção



O Partido



O edifício começou a ser desenvolvido analisando os gabaritos existentes no centro histórico, onde grande parte das habitações é homogênea, sendo a igreja a obra de maior destaque pela altura da torre, portanto a proposta deve seguir essa horizontalidade. A forma se inicia com a criação de planos inclinados para acompanhar as alturas existentes no entorno imediato da área de intervenção(1).

Também levando em conta o contexto do lugar, a vila se desenvolveu de maneira natural e orgânica, logo a proposta foge de uma ideia rígida e separatista e estabelece maior relação com o terreno e o lugar de implantação onde se cria uma "costura" de conexão entre as partes (2 e 3).

Para reafirmar o desenho contínuo, cria-se um volume anexo para incorporar o uso da preexistência, dessa maneira estabeleceremos um edifício com acessos claros e interdependentes, confirmando o uso anexado. Eleva-se o anexo até o nível mais alto do distrito, a igreja (4).

As lajes inclinadas poderiam condicionar os usuários a utilizá-las como acesso até a cobertura. Pensando nisso, devido às inclinações desiguais, a cobertura não atenderia as normas de acessibilidade e segurança e prejudicariam o desenvolvimento do edifício, comprometendo tal acesso. Portanto, a laje recebe uma inclinação maior para evitar o acesso até a cobertura e ainda manter o conceito de homogeneidade das alturas (5).

LEGENDA

[F.47] - Render do projeto. Fonte: Produzido pela autora.

[F.48] -Diagramas de conceito. Fonte: Produzido pela autora.

[F.49] - Processo da primeira forma. Fonte: Produzido pela autora.

[F.50]- Processo segunda forma. Fonte: Arquivo pessoal.

O Processo

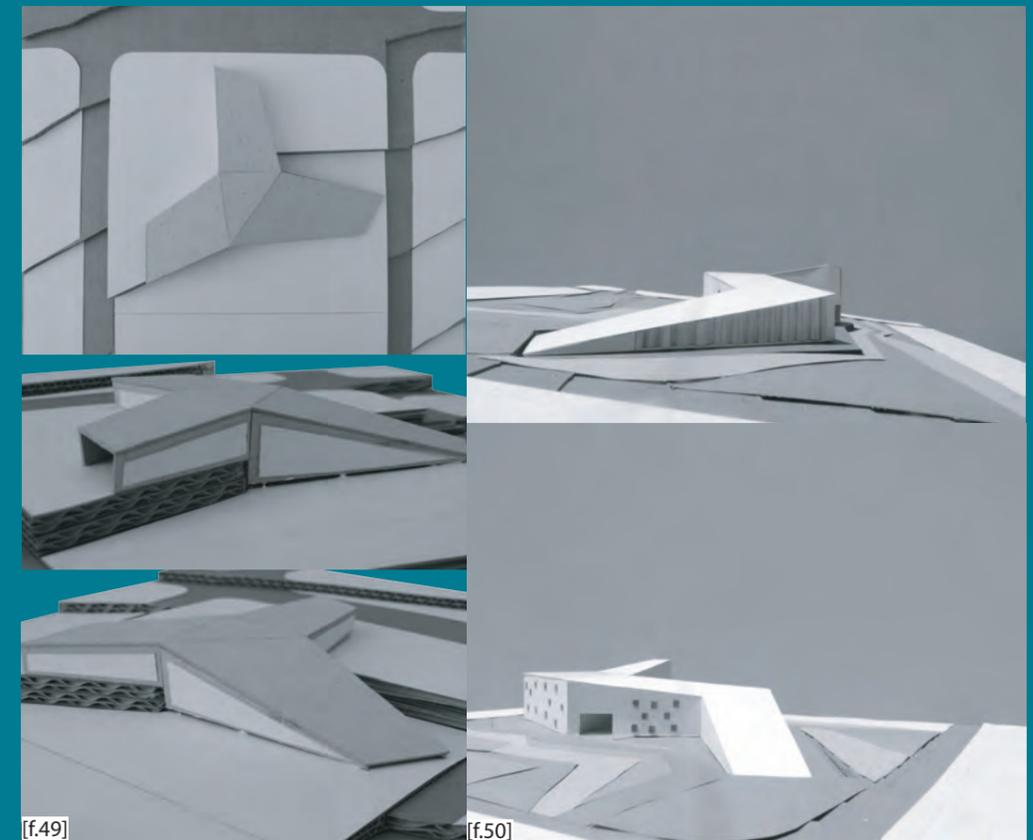
O processo de desenvolvimento do projeto sempre levou em conta a horizontalidade e conexão da implantação com o eixo histórico. No início, a forma axial foi desenvolvida para conduzir os usuários para dentro do edifício, contudo ao longo do avanço projetual notou-se que, mesmo o lote sendo de esquina, não seria o melhor modo de implantação, já que o principal acesso se daria pela rua da praça da igreja que está paralela ao lote.

Em seguida, propõe-se uma maneira de conexão entre as três ruas que delimitam o lote, compreendendo que a proposta deveria ser a ponte de ligação entre elas. A ideia aqui é de estabelecer uma costura urbana, ao mesmo tempo em que propicia

uma porosidade e facilidade de acesso especialmente durante as principais festas culturais, como por exemplo, a feira do troca.

Dessa forma cria-se um novo espaço físico para realização desses eventos culturais, além da praça da igreja e enfatizamos a centralidade da memória e tradição do lugar de intervenção.

Seguindo ainda as diretrizes projetuais, o projeto tem a proposta de evitar criar impacto visual na paisagem urbana, dando sempre destaque para a arquitetura tradicional do distrito. A relação é com a preservação da identidade e memória do distrito de Olhos D'água, sendo necessário o uso de materiais de cores neutras como o concreto armado.







ADMINISTRAÇÃO
30M²



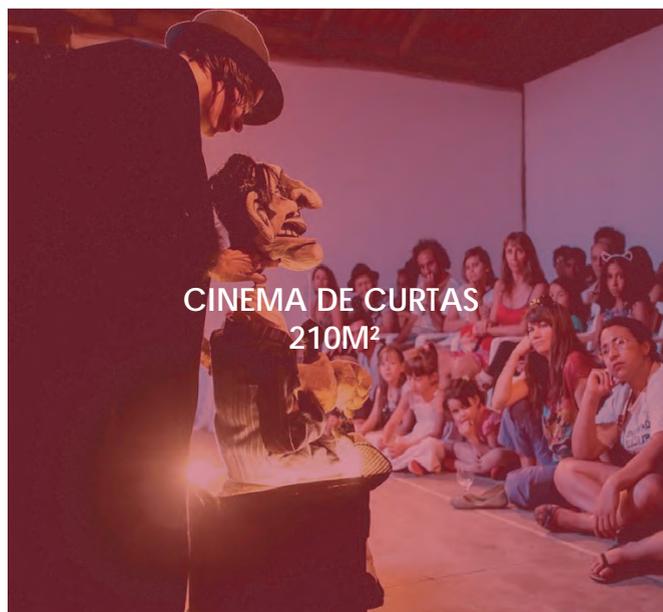
CONVIVÊNCIA
222M²



EXPOSIÇÃO
334M²



NÚCLEO DE ARTES VISUAIS
45M²



CINEMA DE CURTAS
210M²



SALAS DE AULA
263M²

[f.51]

O programa

No local de estudo percebe-se a necessidade de um espaço de uso coletivo que associe cultura, lazer e economia. Capaz de estimular o escoamento do artesanato produzido no distrito de maneira mais rentável e organizada e, ao mesmo tempo estimular a população a propagar os saberes culturais presentes em Olhos D'água.

O programa foi definido de modo a dividir as atividades de cultura e lazer em uma espaço físico, além da praça da igreja. A casa de ofícios servirá de apoio as atividades já existentes no distrito. Dessa maneira acentuamos a centralidade para realização destas atividades na comunidade.

A partir dos estudos realizados, foram elencados os principais saberes culturais da área, sendo elas: artesanato em palha, tecelagem, marcenaria e olarias. As salas de aula, que compõem o setor educacional do projeto terão enfoque nessas atividades principais.

O setor cultural será composto por: áreas para exposição, cinema de curtas e um núcleo de arte visuais, a fim de incorporar o uso da preexistência o NACO.



LEGENDAS:
[f.51] Diagrama de programa. Fonte: Produzido pela autora.

[f.52] Diagramas do programa com medidas em metro quadrado. Fonte: Produzido pela autora.

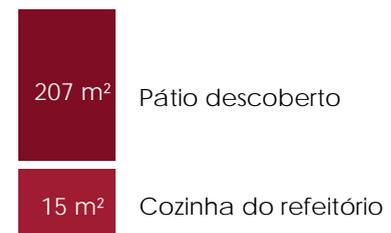
Salas de aula



Cinema de curtas

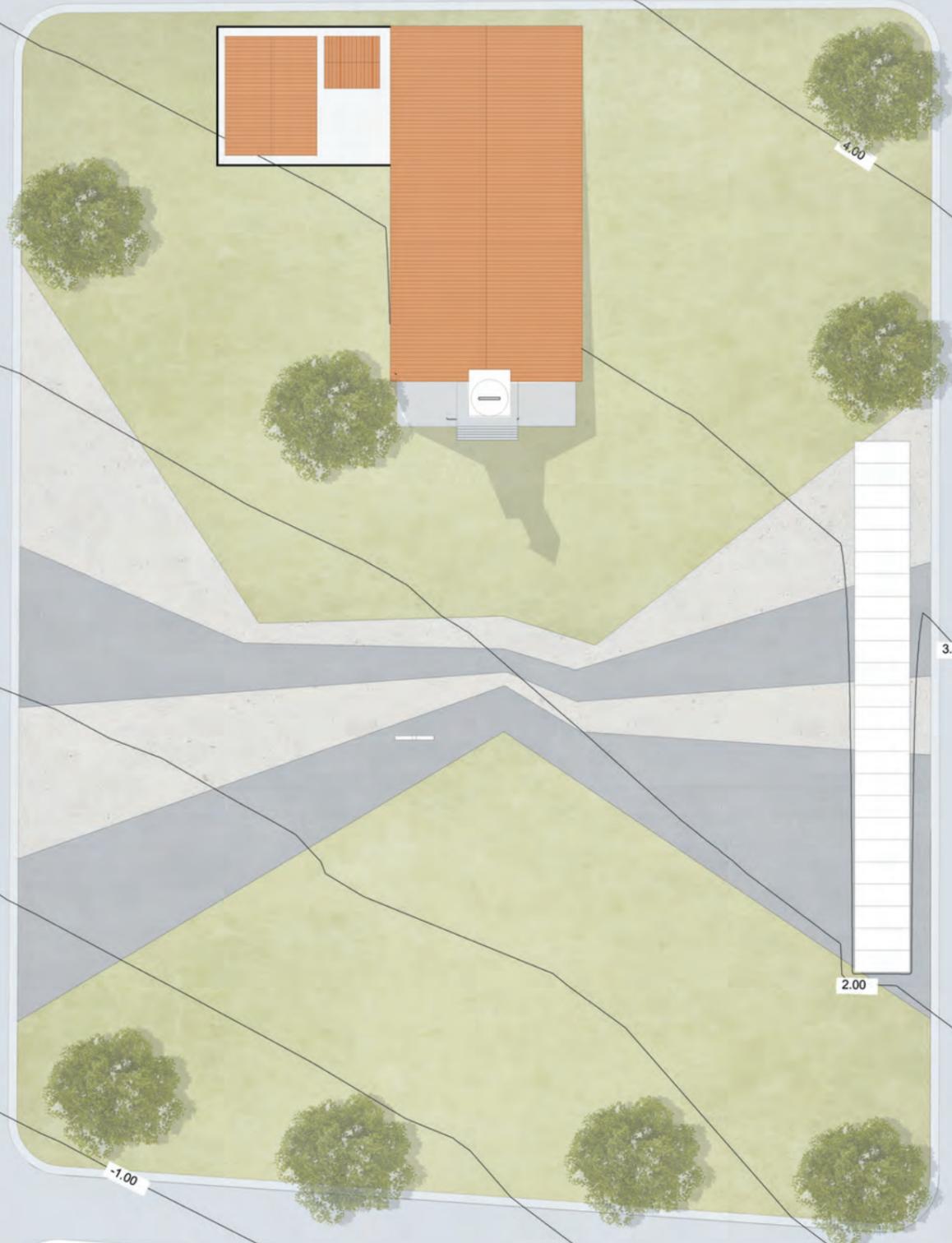


Convivência



[f.52]

Implantação geral



LEGENDA

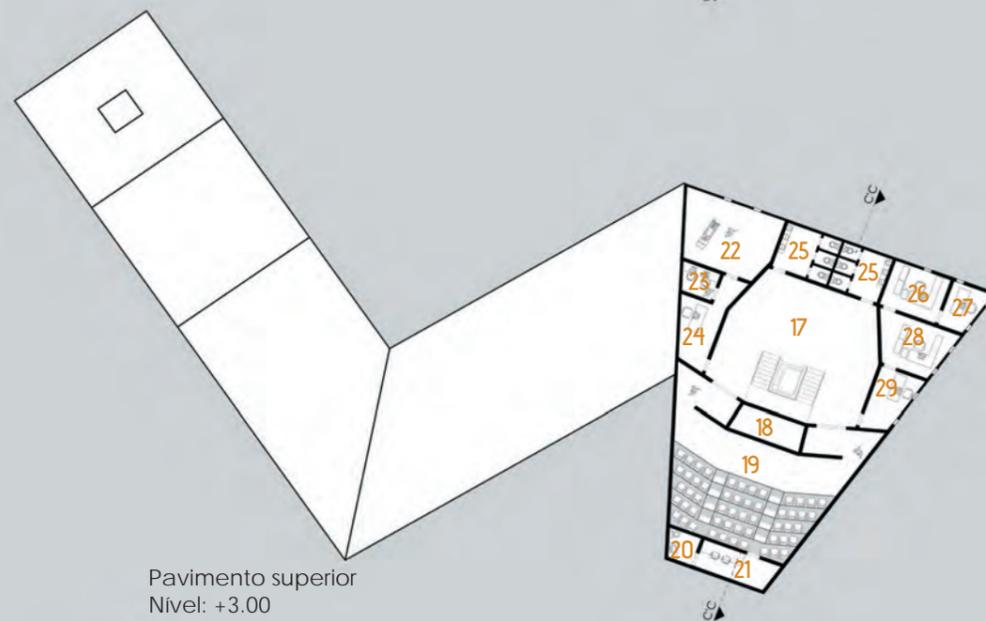
- 1- Sala de olaria: 75 m². Nivel -3,00
- 2- Banheiros: 18m²
- 3- DML: 5m²
- 4- Artesanato em palha: 32m²
- 5- Sala de tecelagem: 32m²
- 6- Sala de marcenaria: 50m²
- 7- Secretaria: 9m²
- 8- Administração: 13m²
- 9- Sala de professores/copa: 15m²
- 10- Biblioteca: 35m²
- 11- Refeitório: 15m²
- 12- Depósito: 18m²
- 13- Banheiros: 12m²
- 14- Área de exposição: 273m²
- 15- Área de exposição ao ar livre: 160m²
- 16- Área de convivência: 207m²

0 5 25 50m

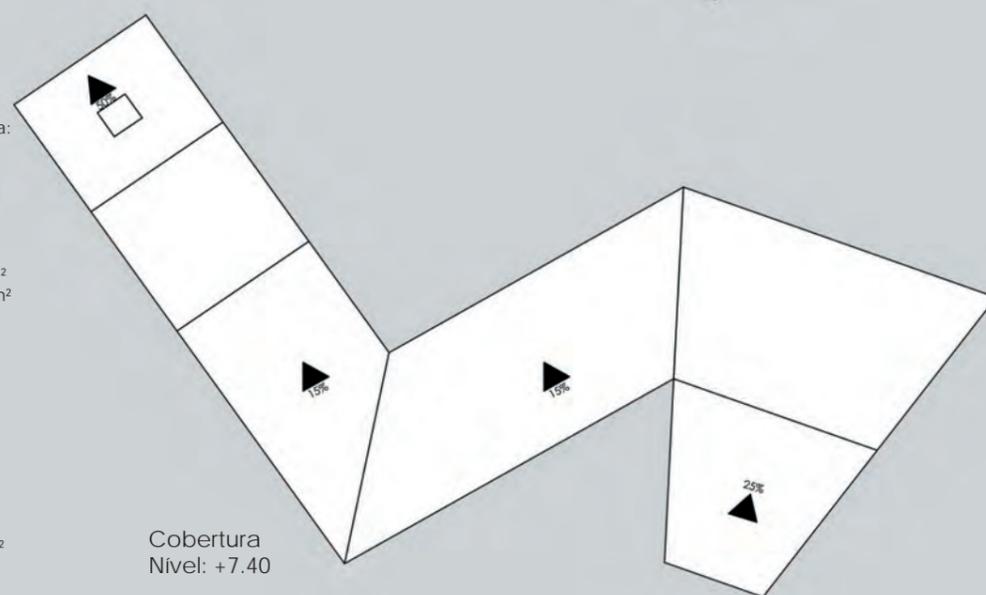




Térreo



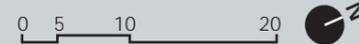
Pavimento superior
Nível: +3.00

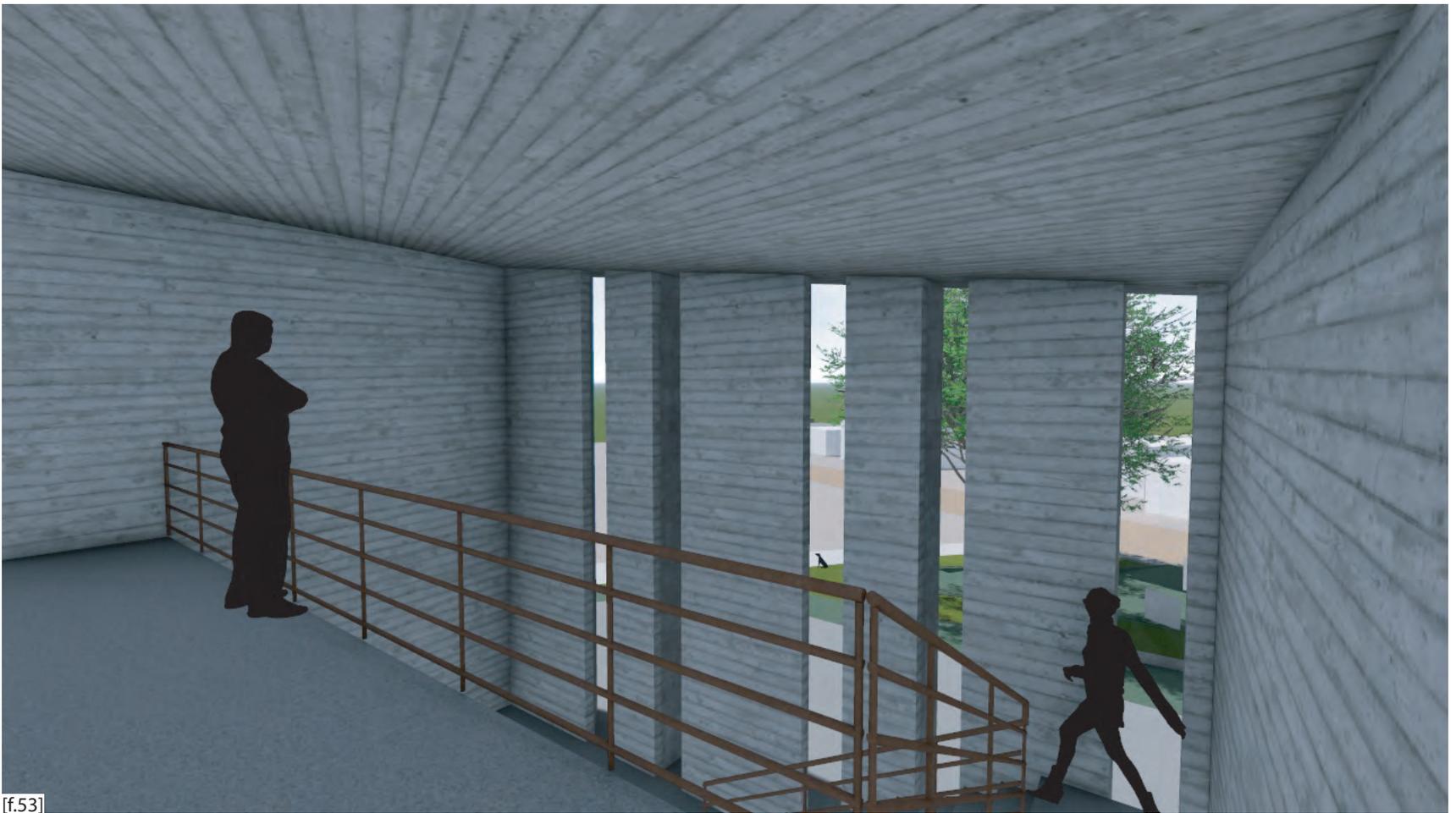


Cobertura
Nível: +7.40

LEGENDA

- 1- Sala de olaria: 75 m².
- 2- Banheiros: 18m²
- 3- DML: 5m²
- 4- Artesanato em palha: 32m²
- 5- Sala de tecelagem: 32m²
- 6- Sala de marcenaria: 50m²
- 7- Secretaria: 9m²
- 8- Administração: 13m²
- 9- Sala de professores/copa: 15m²
- 10- Biblioteca: 35m²
- 11- Refeitório: 15m²
- 12- Depósito: 18m²
- 13- Banheiros: 18m²
- 14- Área de exposição: 273m²
- 15- Exposição ao ar livre: 160m²
- 16- Área de convivência: 207m²
- 17 - Foyer: 75 m²
- 18 - Sala de áudio: 10 m²
- 19 - Sala de cinema: 110 m²
- 20 - Lavabo: 4 m²
- 21 - Sala de projeção: 10m²
- 22 - Sala de gravação: 25 m²
- 23 - Sala de edição: 6 m²
- 24 - Recepção núcleo: 14 m²
- 25- Banheiro: 18m²
- 26 - Recepção geral: 9 m²
- 27 - Secretaria geral: 13 m²
- 28 - Administração geral: 15 m²
- 29 - Tesouraria geral: 10 m²

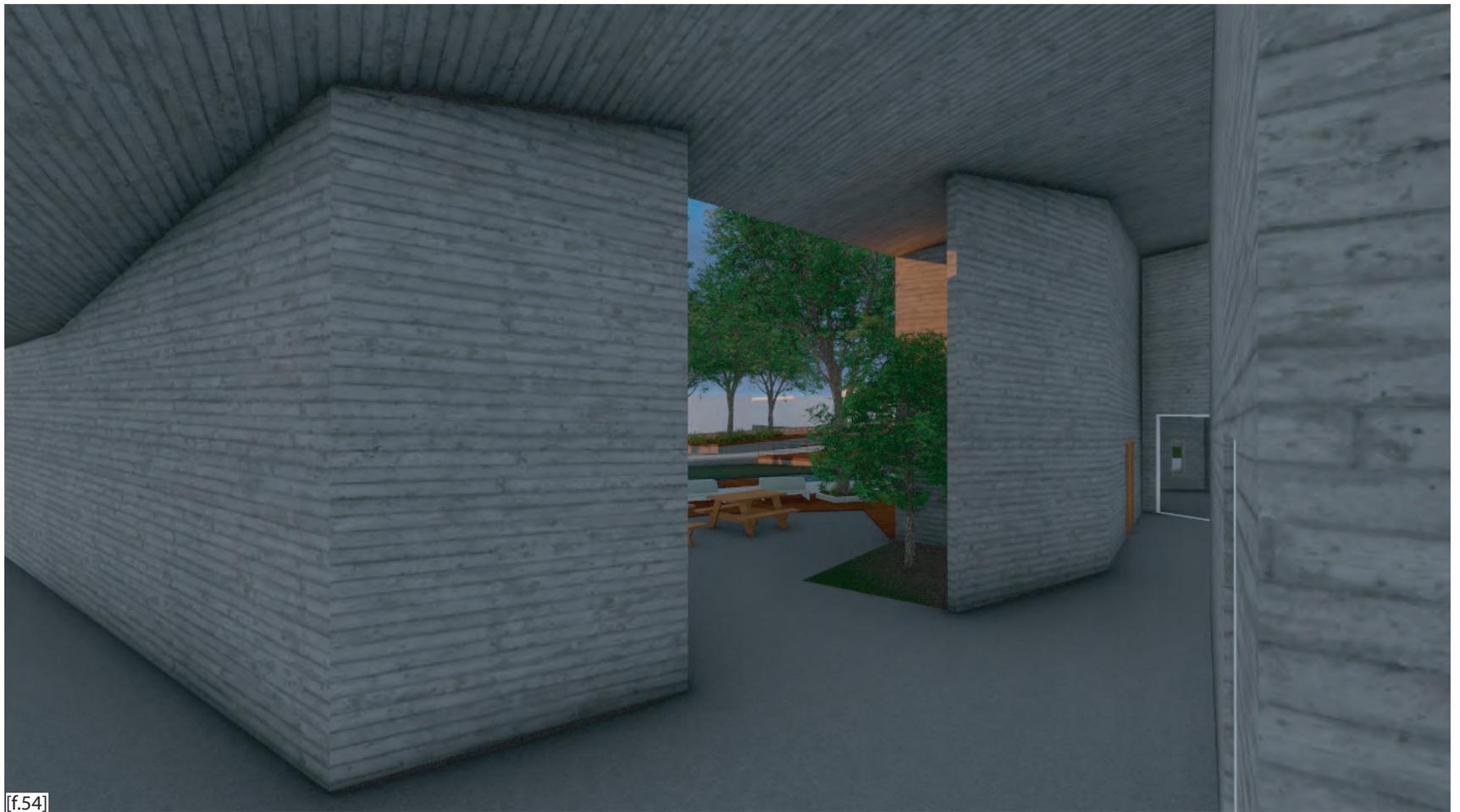




[f.53]



Casa de ofícios no distrito de Olhos D'água em Alexânia - GO 092



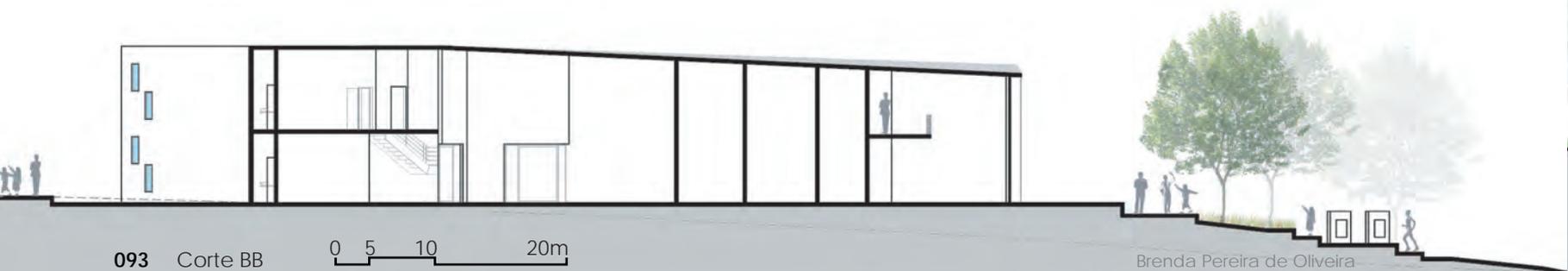
[f.54]

LEGENDA

[F.53] - Imagem interna do mezanino na sala de marcenaria. Fonte: Produzido pela autora.

[F.54] - Imagem interna da circulação e saída para a área de convivência. Fonte: Produzido pela autora.

[F.55] - Imagem interna do cinema de curtas. Fonte: Produzido pela autora.



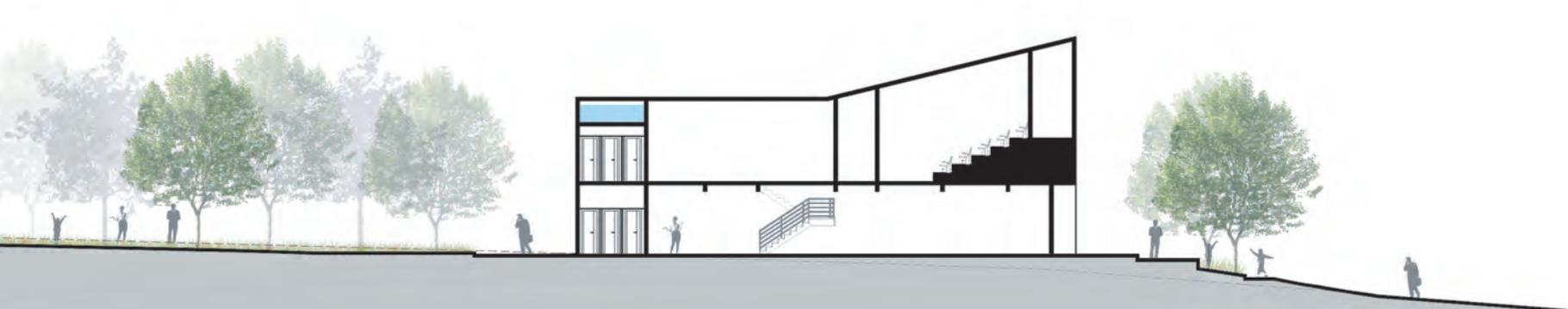
093 Corte BB

0 5 10 20m

Brenda Pereira de Oliveira



[f.55]



Casa de ofícios no distrito de Olhos D'água em Alexânia - GO

Corte CC 0 5 10 20m 094

Aspecto



Paisagismo



Árvores de médio porte



Nome científico: *Deguelia costata*
 Nome popular: Embira de sapo
 Altura: 4 a 8 m



Nome científico: *Aspidosperma spruceanum*
 Nome popular: Amargoso
 Altura: 5 a 20 m

Pisos



Piso exterior de cimento queimado



Piso exterior de ardósia

Mobiliário e arbustos



Madeira utilizada nos pisos externos do deck.



Nome científico: *Chlorophytum comosum*
 Nome popular: Clorofito de sol
 Altura: 20 cm

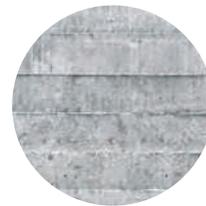
Materialidade

A materialidade do edifício é o concreto armado, feito em régua de madeira o que imprime sulcos e textura ao concreto. As aberturas de vidro permite uma conexão do interior com o exterior, integrando também o edifício ao seu entorno.

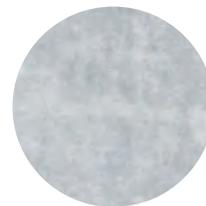
As aberturas no setor cultural são posicionadas em diferentes alturas, e em algumas partes do projeto são inexistentes, gerando fachadas cegas em especial nas áreas correspondentes ao cinema. As aberturas também remetem as aberturas das casas tradicionais existentes.

A fachada frontal recebe uma composição diferente das aberturas por ser uma fachada que recebe maior incidência solar. As paredes angulares garantem a proteção solar no projeto, além de criar uma ampla área de visualização para os usuários das salas de aula.

As lajes inclinadas, são planas e protendidas de concreto aparente e garantem a horizontalidade da proposta.



Revestimento de concreto em régua de madeira.



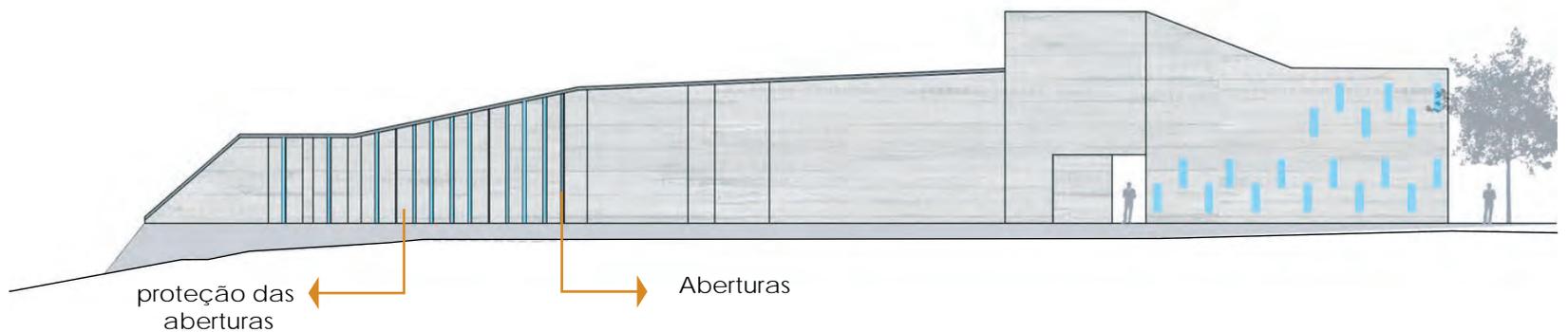
Piso interno de cimento queimado



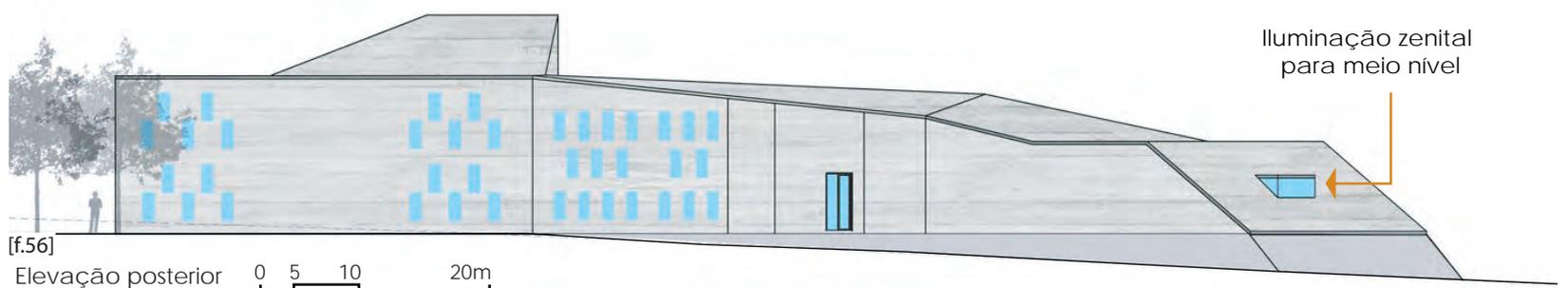
Iluminação zenital de vidro acidato (NBR7199)

LEGENDAS:

[F.56] Materialidade usada e fachadas.
Fonte: Produzido pela autora.



Elevação frontal



[f.56]

Elevação posterior

0 5 10 20m





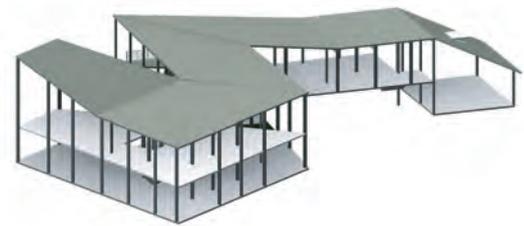


Estrutura

Por ser um edifício de caráter educacional e cultural a infraestrutura necessita atender a demanda desses usos, dispondo de ambientes livres de pilares.

A estrutura irá vencer grandes vãos e para isso será utilizado sistemas de lajes planas protendidas, pois estas suportam grandes vãos sem a presença de vigas e com pouca predominância de pilares, fazendo com que as disposições dos pilares tenham uma distância maior entre si, buscando evitar que a estrutura interfira na altura total do pé direito dos ambientes. Outro fator relevante é a escada auto portante no setor cultural, apoiada diretamente na laje.

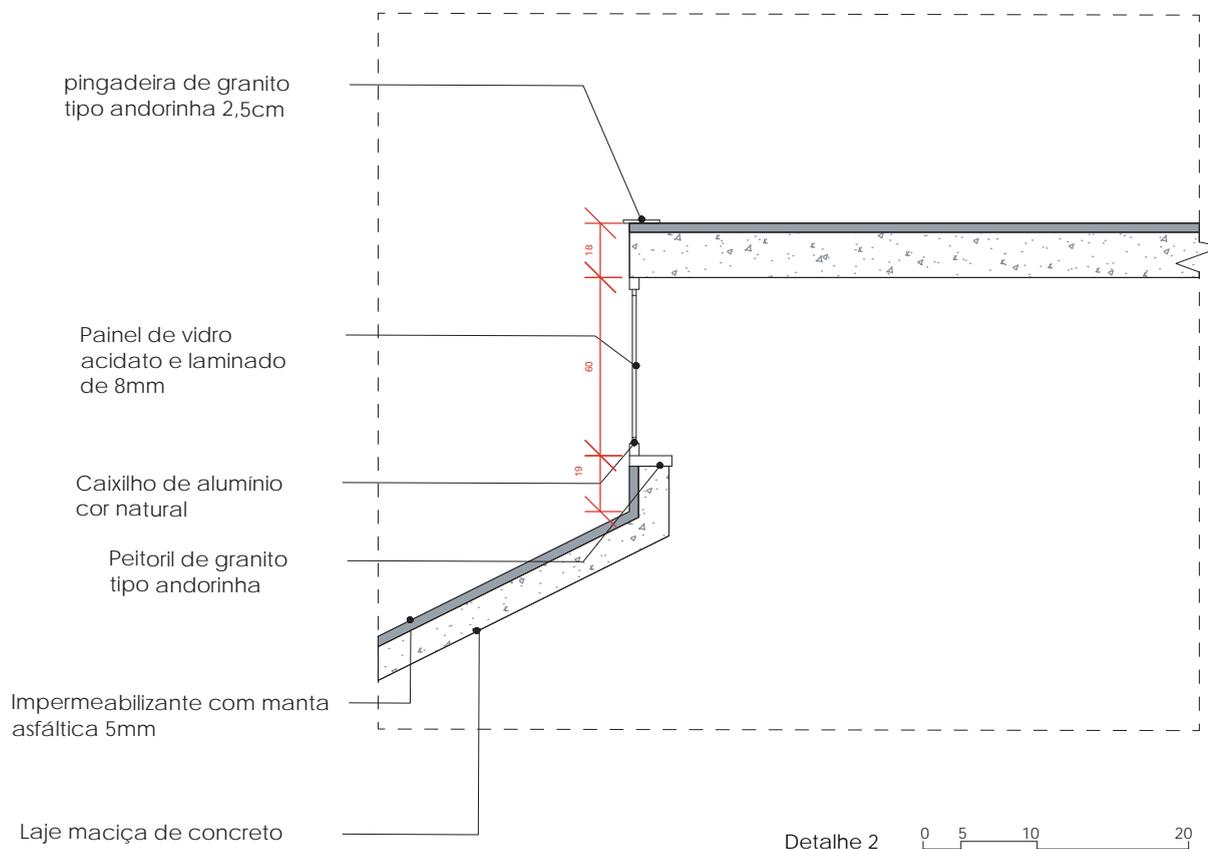
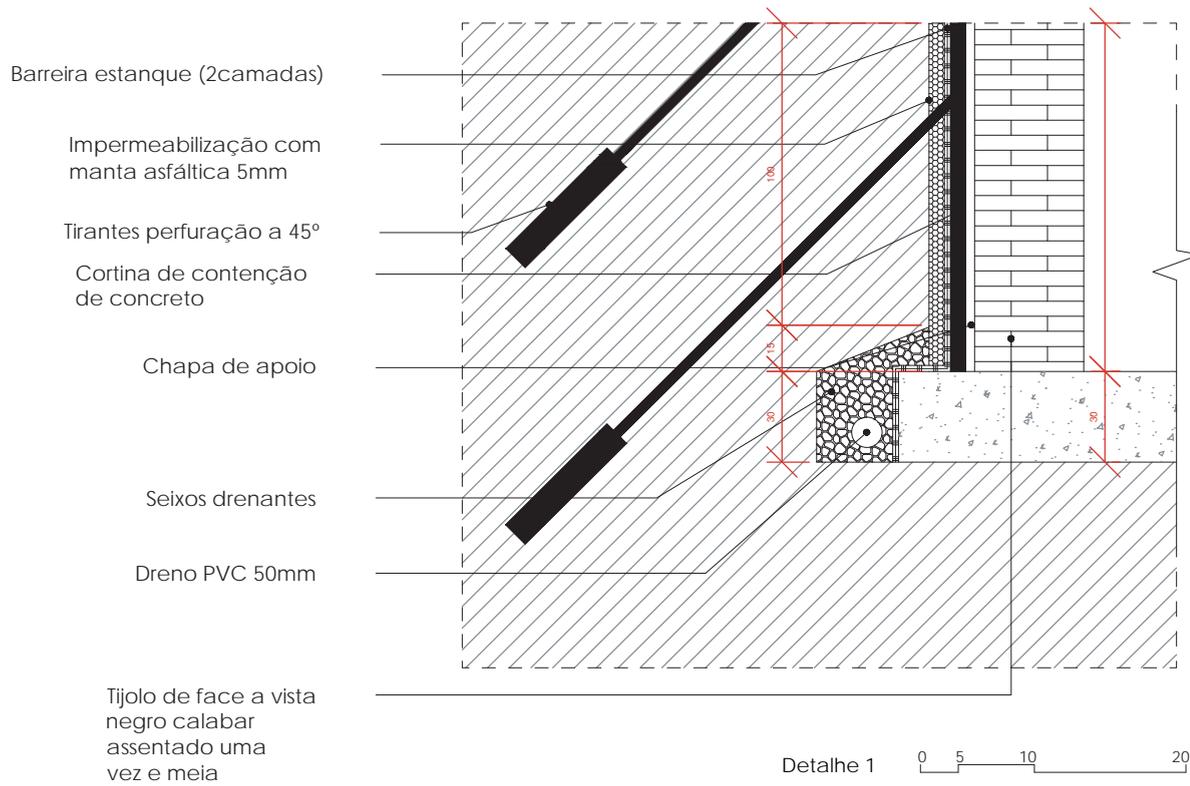
As lajes planas protendidas variam de espessura de acordo com a norma ABNT 6118 em relação às dimensões recomendadas. Nas imagens ao lado estão dispostos lajes e pilares. As fundações são mistas (bloco + estaca). Um reforço estrutural para os reservatórios, marcados em amarelo, também foi necessário. Nas salas de olaria serão utilizados os fornos elétricos de cerâmica e porcelana (forno jung), dispensando os fornos convencionais a lenha.



LEGENDA
[F.57] - Diagramas de estrutura. Fonte: Produzido pela autora.

[f.57]

Detalhes construtivos













Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. 9º. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

BULHÕES, Mariana Machado. **Construção do Sujeito Ecológico: Educação Ambiental a partir da Cultura Local**. Brasília - UNB, 2013. Acesso em 28 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5467/1/2013_MarianaMachadodeBulhoes.pdf

CUNHA, Luiz Antonio. **Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FATHY, Hassan **Construindo com o povo: arquitetura para os pobres** – tradução de Maria Clotilde Santoro – Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

HILÁRIO, Franco Júnior. **A Idade média: nascimento do ocidente**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HOBSBAWN Eric. **A invenção da tradição**. 2º Ed. São Paulo. Paz e terra, 1997.

IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/5200308>. Acesso em: 18 de março de 2017

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14º Ed. São Paulo Zahar, 1986.

LEAL, Elisabete ; PAIVA, Odair da Cruz (Org.). **Patrimônio e história**. Londrina: Unifil, 2004. 240p. Disponível em: <http://www.unifil.br/portal/images/pdf/documentos/livros/patrimonio-e-historia.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5º. ed. Campinas - SP: Unicamp, 2003.

LIMA, Ricardo Gomes. **Fios de Olhos d'água** - Rio de Janeiro: FUNARTE, CFPC, 1995. Acesso em 28 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=SAP&PagFis=1461&Pesq=>

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16º. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTOS, Paulo Afonso. **Olhos d'água, Olhos d'alma - de bem cultural a patrimônio goiãno**. Goiânia - PUC, 2005. Acesso em 28 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2286>

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <http://www.unifil.br/portal/images/pdf/documentos/livros/patrimonio-e-historia.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

Sinopse por setores. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse-porsetores/>. Acesso: 18 de março de 2017.

Programa do Artesanato Brasileiro. **Base conceitual do artesanato brasileiro**. 1º Ed. Brasília, 2012.

NASCIMENTO, Luisa Mahin Araujo Lima. **Saberes e fazeres na construção social da maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia**. 1º Ed. Salvador, 2012.

